

As Bases Sociológicas do Anarquismo

Pietro Gori

Não fingimos, à imitação dos republicanos italianos, que existe apenas um grupo sociológico especial, nosso ou estrangeiro, porém, a característica de uma sociologia anarquista consiste em ser universal e verdadeiramente internacional. Não é necessário que tenhamos que pedir à fome ou à miséria o certificado de sua terra natal para nos sentir cheio de indignação contra uma sociedade que descaradamente viola os santos direitos do homem à existência e a liberdade.

O Sociólogo, se quer ser verdadeiramente tal, ele deve se sentir como um cidadão do mundo e enfrentar um grande problema moderno **“isso não agita apenas essa ou aquela nação”** com entendimento de universalidade e com coração cheio de amor com os deserdados da terra, que é a única pátria lógica das espécies humanas; – deve olhar para novos horizontes que não se restringem aos campos das batalhas redentoras dos círculos estreitos dos Alpes e do mar; – deve compreender que a religião antihumana do patriotismo será derrotada pela grande fé na solidariedade de todos os homens e de todos os povos; – deve, em fim, convencer-se de que, querer reduzir a um vazio doutrinário unilateral a política-nacional de um estudo e uma solução de um problema tão evidentemente complexo e internacional como é a questão social, significa que se entende de um modo infinitamente pequeno, o que, por sua natureza, é infinitamente grande.

O indivíduo considerado isoladamente, sintetiza em si a grande vida coletiva da humanidade; porém, não é a humanidade.

A humanidade é a entidade coletiva formada pelas mônadas individuais, e seu mal não é senão o bem e o mal dos indivíduos singulares.

É por isso que a sociedade só pode confiar na harmonia do bem-estar do homem com a humanidade.

A satisfação de suas necessidades é o elemento essencial para a existência do indivíduo. E o direito natural a satisfazer suas próprias necessidades é adquirido no nascimento de todo homem e nenhuma lei social pode legitimamente violar esse direito natural.

Onde um indivíduo não é capaz de exercer plenamente esse direito; lá, ao lado de quem possui a vida supérflua que acumula do mais necessário, não pode dizer que haja sociedade! Existe apenas uma agregação heterogênea de seres vivos. Em tal condição de coisas o indivíduo tem o direito de rebelar-se de algum modo contra a coletividade dos privilegiados.

Este consórcio incivil é uma bagunça legal; nisso não é possível associação natural; não há nada além de agregação dos interesses parasitários e da aliança tumultuosa das frações rebeldes. O indivíduo vive em um estado extra-social; a luta pela existência se efetua em suas formas mais mortíferas e hipócritas; em nome de uma sociedade que não existe, se oprime legalmente e honradamente se rouba o produto do esforço da imensa classe de trabalhadores. A guerra econômica, que toma o nome de livre-concorrência, é a forma da antropofagia que assume o industrialismo burguês neste século tudo cheio de suas glórias; a vítima, o devorado, é sempre o trabalhador.

Neste período de transição, os interesses do indivíduo estão em antagonismo e em perfeita antítese com os interesses de toda a espécie humana. O homem é inimigo da humanidade; a morte de um é a vida de outro, uma classe gosta de chupar o sangue da outra. É uma busca desesperada por riqueza e poder. Pessoas fraudulentas se tornam proprietárias, os acumuladores de votos obtêm o poder de colocar o pé no pescoço vulgar dos eleitores ignorantes; o quinteto de ontem se torna um milionário; o operário que tanto trabalha e tanto produz, está cada vez mais engolfado na miséria.

Em tal estado de coisas, o indivíduo amarrado, oprimido e embrulhado, isto é, pelas leis, sempre encontra um caminho e um motivo para lidar, entre um sorriso e um aperto de mão o mesmo que constrange o caminho.

Pessoas comuns, nos dirão: coisas repetidas mil vezes; mas é sempre verdade que está é a posição recíproca atualmente entre o indivíduo e a coletividade... Precisamente a partir dessa comprovação dos fatos, muito comum e muito esquecido, o sociólogo deve deixar conscientemente em seu estudo de problemas sociais para obter sua solução.

Mas o indivíduo não pode ser considerado isoladamente. O Homem normal não pode mais, como outros animais inferiores, viver em um estado de desagregação selvagem. Suas necessidades e seu próprio interesse o empurra através do tempo, a associar-se, é o instinto de sociabilidade **“sintoma do mais elevado sentimento de solidariedade”** já se tornou um hábito adquirido.

O estado felino e selvagem da humanidade primitiva não é consequência da liberdade natural que gozam os homens da idade pré-histórica, se não, efeito da natureza brutal daqueles homens sobre os quais

não havia passado a obra lenta e refinadora de tantos séculos de evolução desde um egoísmo bestial para raciocinar o ego-altruísmo, que, se estas leis e instituições de privilégio não estivessem presentes, isso já tornaria possível uma convivência fraterna de cidadãos que cooperassem no bem-estar comum por impulso racional dos interesses individuais bem compreendidos. Uma vez que a lei escrita, que não é mais que a elástica ao serviço daqueles que a criaram, não tem nada a ver com essas transformações substanciais da psicologia da humanidade, que, apesar de tudo, sempre foi aperfeiçoada mesmo no meio de suas dores e suas vergonhas.

A abolição dessas leis formais, portanto, em vez de empurrar a raça humana de volta à barbárie primitiva, suprimindo as razões econômicas, políticas e sociais de antagonismo entre classes e destruindo as diferenças de classes, e determinando a luta pela existência de um movimento concordante e espontâneo dos indivíduos associados contra a natureza externa para a melhoria das condições materiais e morais de cada um e de todos. Assim como o homem primitivo compreendeu que para se defender mais facilmente, era melhor se associar com outros homens, assim, como o mais forte entendeu que era preferível fazer uso dos mais fracos em vez de matá-lo, e assim com o capitalista moderno encontra mais interesse em ter o proletariado rendido nas condições que ele gosta de impor e ter a seu critério por fome crônica, em vez de eliminá-lo negando diretamente a comida, da mesma maneira o indivíduo livre entre homens economicamente iguais, isto é, coproprietários de toda riqueza natural e artificial, seria mais útil e agradável associar-se por afinidade eletiva com outros homens, do que permanecer solitário e desintegrado dos outros.

Em tal forma de associação livre e rescindível, o indivíduo não abdicaria de nenhuma de suas liberdades, porque sua vontade, árbitro para manter ou dissociar do pacto, seria sempre soberano.

Assim, se a associação livre não pode ser possível, mas entre homens iguais, o primeiro passo que deve ser tomado é o que leva à igualdade das condições econômicas dos associados. E essa igualdade não pode ser obtida senão pela comunidade dos bens pela associação de trabalho.

Com tudo isso, devemos afirmar que mentem quando dizem que os anarquistas comunistas estão simplesmente e unicamente preocupados com as satisfações da barriga.

Deixando as iniciativas individuais, a liberdade individual de aplicar segundo suas variadas tendências, que é característica mais genial da natureza humana, arte e ciência, não ficará desapontada com a atividade de tantos gênios que hoje são ignorados ou não florescem, oprimidos pela miséria, esmagado sob o peso brutal do trabalho mecânico.

A associação anárquica não será como fantasiam alguns, uma sociedade de convento, cozinhando baseada em barrigas, cujos membros **“sem propriedade individual”** se encontrariam em uma miséria maior. Esse sentimento esquisito da solidariedade se desenrolando maravilhosamente em um interesse comum de iguais e a coparticipação de cada indivíduo nas ferramentas do trabalho coletivo, eles criariam estímulos para um trabalho atrativo, sem nenhum exemplo existente no regime de empresa privada e fariam florescer uma produção infinitamente maior para o presente, se achar que todos os braços aptos para o trabalho seriam aplicados à fabricação de gêneros verdadeiramente úteis para os homens.

Precisa ser fortemente influenciado pela economia social de setenta anos atrás para não refletir e ver apenas as máquinas, convertida em propriedade comum dos trabalhadores **“não mais como hoje, que são instrumentos de sua miséria”**, que estas máquinas aumentadas, simplificadas e aplicadas a todos os ramos da indústria e agricultura intensiva, centuplicariam a riqueza geral, permitindo que cada indivíduo segundo a forma comunista, poderá tomar o patrimônio acumulado pelos esforços em comum quanto fosse necessário, sem ter que regulamentar a comida, as roupas, a habitação, a família, como já foi dito por aqueles que estudaram o comunismo nos velhos livros de Fourier e SaintSimon, dois precursores utópicos cujas teorias são muito diferentes e estão longe do comunismo científico moderno.

A base fundamental da sociologia anárquica é a abolição da propriedade privada, substituindo esse privilégio econômico pela propriedade social de todos os bens. Somente sobre esta base é possível uma verdadeira igualdade e uma verdadeira liberdade.

De fato, a liberdade seria um absurdo em uma sociedade em que não se fornece a todos os cidadãos os materiais básicos para satisfazer as necessidades do organismo, que são os mais imperiosos, e isso não é possível sem antes pôr em comum as substâncias que atualmente são privadas.

Isso não significa que a associação comunista anarquista, como já foi acusada, seja limitada, circunscrita, preso no único e exclusivo conceito econômico, uma vez que o homem não vive unicamente

porque ele come ou satisfaz como os brutos suas necessidades físicas... O que não exclui ou significa que essas necessidades físicas não precisam ser atendidas primeiro. Porque as ciências biológicas ensinam, apesar de todos os idealismos transcendentais, que o equilíbrio saudável das funções orgânicas a quem uma grande parte de toda vida intelectual e moral do homem está diretamente ligada, depende do funcionamento ordenado e da satisfação do aparelho de nutrição.

Em nenhuma outra forma de associação que não seja a comunista anárquica, o indivíduo alcançara, completamente satisfeito em suas necessidades, seu desenvolvimento orgânico completo, a partir do qual o desenvolvimento intelectual e moral de cada um deriva. Dai também a extensão natural dos vínculos de eficácia, vinculando fraternalmente os membros dessas associações livres.

Muitos de nossos adversários temem que, em tal sistema, a família desapareça e que a mulher seja reduzida a uma simples máquina procriadora de crianças e que elas sejam arrancadas de sua guarda para confiar a comunidade, ignorando assim todo valor do carinho e de cuidados maternos. São acusações que muitas vezes sentimos repetir... Nascimento genuíno da fantasia adversária; uma vez que a mulher, se ela é cara para a espécie como procriadora de crianças e conservadora do gênero humano, também é preferida a nós como companheira de nossas atuais misérias e, amanhã, após a grande libertação, ela será como parceira dos prazeres puros da liberdade.

A associação anárquica, a única que permite o desenvolvimento integral de todas as faculdades e afeições humanas, respeitará ainda mais o sentimento requintado da maternidade e de coração, não intervindo como educadora amorosa e imparcial, mas na guarda das crianças que, por qualquer razão, careceriam de cuidados maternos... E daqueles mais adultos a quem a sociedade deve fornecer em comum todos os meios para ser educado e aperfeiçoado, convivência fraterna que os educa para serem considerados membros de uma família grande e amorosa.

A associação anárquica, desde o simples ao composto, se efetuará provavelmente pela federação dos grupos de produtores, de uniões de ofício federadas, como a liga de municípios livres, independentes, soberanos, constituirá a federação internacional dos povos suprimindo é claro, do município todas as características autoritárias e burocráticas atualmente aceitas. No entanto, aqueles que concebem a associação do porvir como frades nacionais ou universais, obedientes a uma única regra, essa concepção libertária nossa parece ilógica e privada da unidade de educação que é essencial para eles. Eles não percebem que esta unidade colide com a verdadeira missão de uma verdadeira sociedade civilizada, que deve respeitar a autonomia dos indivíduos e grupos, que, por sua vez, terá o direito de associar-se ou federar de acordo com suas afinidades, simpatias e tendências.

Essa livre manifestação das várias tendências não perturbaria de nenhum modo a harmonia do grande ente coletivo que se chama humanidade, a qual progride e melhora precisamente, graças a esta vida múltipla e multiforme; e se essa mistura animada de atividades convergentes, de caminhos diferentes e em várias formas, para o bem de cada um e de todos; se este grande emaranhamento de iniciativas tão variadas tenha alcançado, como esperamos, destruir toda ideia de nação, será finalmente proclamada a nacionalidade de todo homem na Terra e sancionada pelo fato social da lei da natureza, que, apesar das distinções patriotas artificiais, agrupa todas as raças humanas vivas em um único grupo orgânico, desenvolvendo sob o imperativo categórico das mesmas necessidades físicas e os mesmos impulsos morais que empurram a espécie humana através do caminho do progresso infinito.

Só então haverá liberdade, quando, tendo eliminado todo o governo do homem sobre o homem, todas as causas da arbitrariedade desapareceram; uma vez que o grave erro da política atual é que ela legitima a arbitrariedade e a violência através das leis, da polícia, da magistratura e do exército, que são as engrenagens e as colunas do grande órgão central, o Estado, assassino de todas as autonomias e de todas as iniciativas individuais e locais. É por isso que as pessoas, que anseiam pela liberdade, já estão começando a entender que o primeiro passo que deve ser tomado ao longo do caminho do progresso e do bem-estar é a abolição de todas as formas governamentais, de todos os privilégios autoritários, de toda a centralização violenta, tudo o que deve ser substituído pela associação de pactos livres de acordo com afinidades, simpatias, necessidades individuais e sociais. Este estado de coisas para a qual a história e o movimento humano caminham é a anarquia.

Mas, como a anarquia para ser uma ordem adequada e harmoniosa, deve basear-se, como dissemos, na igualdade de condições (que não tem nada a ver com a alegada igualdade de nivelamento das horas de trabalho e das refeições para todos, como as crianças verborreanas criticam o socialismo anárquico),

esta igualdade de condições não pode ser um fato, mas com o comunismo, isto é, em um estado de coisas em que cada um, dando à produção tanto quanto suas forças permitem, pode obter tudo o que ele necessita.

Só então, quando, cego pelo abismo de um passado enterrado para sempre, a humanidade verá a floricultura alegre da prole fraterna, banhada no sol da verdadeira liberdade, convivendo na sociedade igualitária que olhamos com amor. Essa criatura pensará, maravilhando-se, no ceticismo daqueles que hoje negam a nova fé e na futilidade dos esforços reacionários para evitar seu advento fatal.

De nós, que fazemos o quanto nos permitimos fazer com nossas forças, diremos pelo menos que não mentimos.

Biblioteca Anarquista



Pietro Gori
As Bases Sociológicas do Anarquismo

Titulo Original: *Las bases sociológicas de la anarquía*. Tradução e Revisão por André Tunes @**Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista**.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org